



**O PROCESSO DE (RE)PRODUÇÃO DO ESPAÇO PELO TURISMO
NO BAIRRO DE SANTA FELICIDADE EM CURITIBA – PR:
contribuições para a geografia cultural e identidade local**

***THE SPACE (RE) PRODUCTION PROCESS FOR TOURISM IN SANTA
FELICIDADE NEIGHBORHOOD IN CURITIBA - PR: contributions to
cultural geography and local identity***

Ramon Spironello Nascimento*
Vinícius de Paula Ismael**
Guilherme de Lemos Gomes***

Resumo: O artigo objetiva analisar como o espaço geográfico do bairro Santa Felicidade em Curitiba-PR foi (re)produzido pelo turismo, tendo reflexos na identidade local através da cultura. Para isso, busca-se compreender seu processo histórico de produção, desde a formação da colônia e do bairro e sua relação com a expansão de Curitiba e, mais recentemente, com a apropriação da cultura italiana pelo turismo gastronômico, em que restaurantes e vinícolas caracterizam o bairro e há a ameaça que a identidade da população se dilua. A pesquisa desenvolveu-se a partir de revisão bibliográfica e visita de campo que incluiu coleta de fotografias e entrevistas, e a análise dos resultados baseou-se no materialismo histórico dialético. Assim foi possível apontar como consideração as contradições presentes no bairro, analisando-as de forma conjunta à cultura material, imaterial e sua relação com o turismo.

Palavras-chave: Santa Felicidade. Cultura. Geografia. Turismo. Identidade.

Abstract: The paper aims to analyze how the geographic space of Santa Felicidade neighborhood in Curitiba-PR was (re)produced by tourism, reflecting on the local identity through culture. To this end, we seek to understand its historical production process, since the formation of the colony and the neighborhood and its relationship with the expansion of Curitiba and, recently, with the appropriation of Italian culture by gastronomic tourism, which restaurants and wineries characterize the neighborhood and there is a threat that the identity of the population will be diluted. The research was developed from a bibliographic review and field visit that included collection of photographs and interviews, and the results analysis was based on historical dialectical materialism. Thus it was possible to point out as consideration the contradictions present in the neighborhood, analyzing them together with material, immaterial culture and its relationship with tourism.

Keywords: Santa Felicidade. Culture. Geography. Tourism. Identity.

1 Introdução

No modo de produção capitalista, Lefebvre (2004) destaca que o espaço se torna mercadoria, podendo ser parcelado e comercializado por meio do direito à propriedade privada. Concordando com o autor, Carlos (2008) destaca que o espaço urbano exprime não

* Mestrando em Geografia. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP – Rio Claro – SP – Brasil. E-mail: ramonspironellonasc@hotmail.com.

** Mestrando em Geografia. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP – Rio Claro – SP – Brasil. E-mail: vinicius.ismael@hotmail.com.

*** Graduado em Geografia. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP – Rio Claro – SP – Brasil. E-mail: guilgomes92@gmail.com.

somente a reprodução concreta do espaço físico e material que viabiliza o capital, mas também a reprodução de um modo de vida que atende à demanda capitalista. Do ponto de vista da autora, o espaço é um meio de consumo, seja pela necessidade de construção de moradias ou pela necessidade de acesso à cultura e lazer.

Carlos (1999) analisa que na sociedade capitalista as horas de não trabalho, voltadas para o ócio, são incorporadas pelo capital a fim de torná-las também produtivas. Desta forma, o turismo ganha destaque na sociedade de consumo, uma vez que essa prática social se torna mercadoria. Assim, por meio da ação do capital, alguns espaços específicos, por serem vendidos como mercadorias, são produzidos para atender essa demanda da sociedade de consumo.

Em relação às migrações, Almeida (2009) as considera como fenômenos socioespaciais que afetam diretamente a produção do espaço, estando intimamente ligadas aos processos históricos nos quais se inserem, como por exemplo as migrações do campo para as cidades no período de crescimento destas. Pode-se considerar que todo movimento migratório possui uma historicidade, fruto de um processo que se materializa no espaço e modifica-o dialeticamente. Neste sentido, é possível considerar que os migrantes são resultados de processos históricos que afetam os espaços vividos por eles, e, ao mesmo tempo, agentes produtores de um novo espaço através da ação de deslocamento. Ainda para Almeida (2009), devemos pensar a migração como “usuária e reelaboradora do espaço e do processo de espacialidade”, pois é um processo que cria espaços diferenciados em relação ao seu entorno, diferenciando assim os lugares.

Segundo Carlos (1999), a cultura é um fator determinante nesse processo de diferenciação dos lugares, pois na relação homem-natureza e no tecido das relações sociais é construída uma rede de símbolos e significados, diferenciando essa população local de outras, criando assim uma identidade territorial.

Nesta perspectiva, a identidade social é também uma identidade territorial, “pois, por mais que se reconstrua simbolicamente um espaço, sua dimensão mais concreta constitui, um componente estruturador da identidade.” (MORAES, 1988). Assim, a cultura constitui-se como parte importante e transformadora da paisagem dos espaços. Segundo Corrêa (1995), a paisagem é, de um lado, o resultado de uma dada cultura que o modelou e, de outro, constitui-

se em uma matriz cultural. Expressa-se assim a cultura em seus diversos aspectos, possuindo uma faceta funcional e outra simbólica.

Acerca da paisagem como “Matriz Cultural”, nas palavras de Moraes (1988), ela funciona como uma “vitrine permanente de todo o saber”, na qual se transmitem valores, conhecimentos e símbolos que contribuem para passar de uma geração a outra, saberes, crenças e atitudes sociais. Além disso, o simbolismo ganha materialidade pela variável espacial. O espaço geográfico, segundo o autor supracitado, é também um campo de representações simbólicas que possuem funções e exprimem as estruturas sociais em suas diversas dimensões.

É a partir da produção desses espaços que o turismo se apropria e os reproduz conforme os interesses de valorização do capital. Há várias concepções de turismo, contudo, a que se encaixa melhor no contexto em discussão é a de turismo cultural: “O turismo [...] pode ser, também, uma expressão do gosto pela cultura e pelo modo de vida de outros povos assim como uma tentativa de compreender a razão das diferenças entre os seres humanos” (CARVALHO, 1999, p.113).

Carlos (2013) e Rodrigues (1999) afirmam que, nesse espaço-mercadoria recém-criado pelo turismo, não só as propriedades físicas são alteradas, como também, observa-se a remodelação viária, construção de pousadas, hotéis e restaurantes, mas também, para que tenha êxito, é necessária a introdução de um novo modo de vida, de forma que altere todas as relações sociais de produção, à luz dos anseios da sociedade de consumo. Desta forma, tem-se um aumento do potencial turístico nesses espaços, que gera um consumo de massa.

No entanto, esse processo torna-se antagonista de si mesmo, conforme salienta Rodrigues (1999). O potencial paisagístico pautado na cultura local torna-se frágil perante o turismo de massa intensificado pelos seus agentes. Assim, a produção do espaço para o consumo se torna agora, dialeticamente, sua própria destruição através da reprodução do espaço.

É no bojo do sistema de produção capitalista que o turismo se apropria da cultura dos lugares. Soma-se a isso o conceito de globalização, que impõe a lógica de mercado, transformando a cultura em mercadoria, o que para Silveira (1997) é a mercantilização da cultura e do espaço geográfico. É a partir da transformação da cultura em mercadoria que se tem a produção local para o turismo, transformando turistas em meros consumidores passivos

e, conseqüentemente, o espaço da comunidade em sociedade do espetáculo. Nesse sentido, como enfatiza Carlos (1999, p. 26): “A indústria do turismo transforma tudo o que toca em artificial, cria um mundo fictício e mistificado de lazer, ilusório, onde o espaço se transforma em cenário para o espetáculo”.

Para Meneses (1999) a globalização também exerce forte influência sobre a dinâmica cultural, transformando-a em seguimentos do turismo e segregando a sociedade segundo interesses da hegemonia global. A cultura se torna então apenas em mero produto e não em identidade social, o que leva ao processo de “desterritorialização” *da cultura*. Destaca-se assim, segundo o autor, mais uma contradição presente no modo de produção vigente, pois o que tornou o espaço turístico, a cultura, foi perdida durante o processo de apropriação desse espaço pelo capital.

No entanto, há formas de resistência dentro dessas comunidades, que tentam resgatar a cultura local na sociedade capitalista globalizada, através de práticas sociais, criando singularidades diante desse processo de produção do espaço massificador, como garante Meneses (1999).

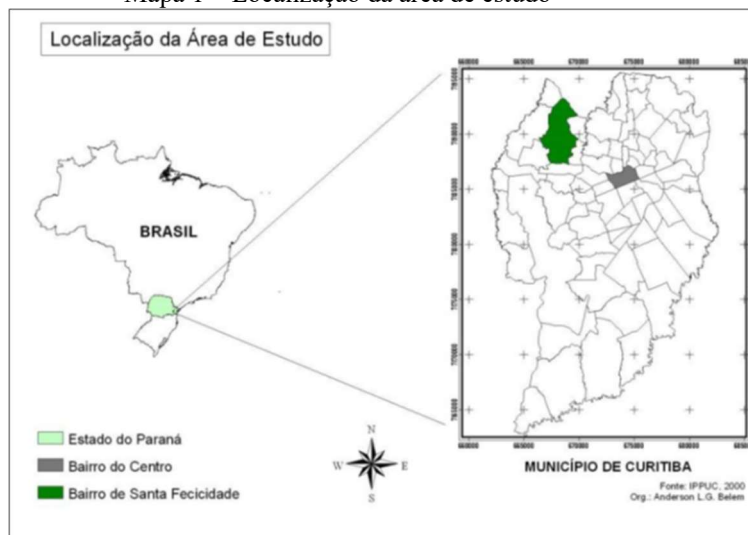
Através desse referencial, o artigo tem como objetivo central analisar de que forma o espaço geográfico do bairro de Santa Felicidade em Curitiba – Paraná foi (re)produzido pelo turismo tendo como reflexo a perda ou a manutenção da identidade local através da cultura. Para alcançar o objetivo central do artigo foram traçados alguns objetivos específicos que o auxiliam. Entender, primeiramente, o processo histórico de formação do bairro e, em um segundo momento, a forma com que a atividade turística foi inserida e passou a reproduzir o espaço do bairro; e analisar quais foram as conseqüências do turismo para a manutenção ou não da identidade local.

Curitiba está localizada no setor leste do Paraná, constituída no Primeiro Planalto do Paraná, a uma latitude de 25°25'48" S e longitude de 49°16'15" O. Sua altitude média é de 945 metros, apresentando 434,967 km² em sua área e com uma população de 1.751.907 habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010).

O bairro Santa Felicidade, área de estudo do artigo, localiza-se na região noroeste de Curitiba, apresenta uma área de 12,18 km² e uma população de 31.572 habitantes segundo o Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC, 2010) e o censo do IBGE

de 2010, respectivamente. O Mapa 1 traz a localização da área de estudo dentro do município de Curitiba.

Mapa 1 – Localização da área de estudo



Fonte: Geremia e Vivian (2004)

A partir da década de 1950 esse bairro assiste a uma intensificação do processo de reprodução do espaço devido ao crescimento da metrópole de Curitiba e a inserção do turismo, transformando seu espaço geográfico trazendo novas práticas sociais, com foco no turismo e suas respectivas implicações para a questão identitária local.

2 Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida tendo como base metodológica os seguintes procedimentos: levantamento bibliográfico, seleção das obras e leituras destas com a finalidade de obter um embasamento teórico que desse suporte a pesquisa direta, de campo.

Além disso, foram coletados materiais fotográficos e mapas para a identificação do local estudado. A partir dos dados obtidos através das leituras de autores importantes, principalmente do campo da geografia cultural, desenvolveu-se e aprofundou-se o estudo através da pesquisa direta de campo, que contou com as seguintes técnicas de pesquisa: entrevista com a responsável pelo setor de antropologia do Museu Paranaense, Maria Fernanda Campelo Maranhão; entrevista com integrantes da comunidade local; aplicação de questionários no centro de Curitiba com a finalidade de identificar o conhecimento das

peças a respeito do bairro Santa Felicidade; análise de materiais especializados e exclusivos do bairro Santa Felicidade e na Casa da Memória, além de uma conversa com as pessoas deste lugar acerca do bairro, que serviram de apoio a realização da pesquisa. O trabalho de campo supracitado foi realizado no segundo semestre de 2015 e no início de 2020.

Durante a observação sistemática de campo, buscou-se estabelecer uma linha de raciocínio, cujos passos de execução foram cuidadosamente planejados e organizados de maneira a obter uma compreensão coerente e coesa dos dados. A história e a espacialidade foram centrais neste trabalho inicial. Visando a obtenção de dados históricos e acesso a um acervo bibliográfico específico, estive-se na Casa da Memória – Centro de Curitiba – órgão de suma importância para a pesquisa histórica.

A análise dos resultados tem como base interpretativa o método do materialismo histórico e dialético¹, o qual parece ser o método mais adequado a essa temática, pois, como destaca Cosgrove (1983): “À primeira vista, os interesses da geografia cultural deveriam prestar-se diretamente a um tratamento a partir da perspectiva do materialismo histórico dialético.”

Assim, o materialismo histórico dialético e a geografia cultural partem do mesmo ponto ontológico², que segundo Cosgrove (1983) é a análise dos processos históricos. Além de possibilitar estabelecer relações sociais, as quais o homem necessita para se constituir como tal, como produção e comunicação, a criação de formas materiais e imateriais que constituem suas atividades assumem importância nessa análise. A apropriação de suas relações sociais com o mundo através dos símbolos gera estilos de vida distintos e consequentemente paisagens distintas que se materializam no espaço e imprimem características específicas de cada grupo social (moradias características, danças, práticas religiosas), produzindo assim processos históricos geograficamente específicos. É no bojo desse processo que se insere a geografia cultural numa metodologia materialista histórico-

¹ A respeito do materialismo histórico e dialético, autores como Kosik (1976), Demo (1981) e Oliveira (2019) realizam interessantes reflexões. Dentro da geografia, Moraes & Costa (1984) trazem importantes subsídios para um estudo geográfico com base nesse método de interpretação.

² Entendemos aqui a questão da ontologia presente no método a partir da contribuição de Netto (2011), que destaca que há um pressuposto na análise materialista que deve ser exposto: “a *dimensão epistemológica* do conhecimento científico que permite a humanidade a sistematizar um conjunto de postulados acerca de como é possível conhecer a realidade natural e social. Nesta está subsumida à *dimensão ontológica* dessa mesma realidade, aquela que permite explicitar o que ela é verdadeiramente, constituindo-se histórica e socialmente por meio da própria atividade prática realizada pelo conjunto dos homens” (NETTO, 2011 apud MARTINS & LAVOURA, 2018, p. 225).

dialética, de forma a tentar compreender a dimensão da interação humana com o espaço em que estão inseridos, tendo como resultado dessa interação a (re)produção do espaço através das práticas sociais, evidenciando suas contradições.

Neste sentido, de acordo os procedimentos metodológicos da pesquisa e com o método de interpretação de análise dos resultados e discussão, em um primeiro momento, se faz uma abordagem da produção histórica do espaço do bairro. São apresentadas também as transformações ocorridas no mesmo espaço de análise a partir da constituição de estabelecimentos comerciais na década de 1960, proporcionados pela melhoria da circulação de mercadorias e pessoas. Por fim, é apresentado a inserção do turismo no bairro e quais foram suas implicações para a questão da identidade local de Santa Felicidade.

3 Resultados e discussão

Fundamentadas na perspectiva materialista-histórica dialética adotada, a análise e discussão dos resultados buscam estabelecer uma relação entre a materialidade produzida no espaço geográfico do bairro de Santa Felicidade e a cultura, fruto de processos históricos, intrínseca à identidade territorial de seus moradores. A partir disso verificar-se-á que a cultura e a identidade se encontram preservadas e qual o papel do turismo nesse processo.

3.1 O processo histórico de produção de Santa Felicidade: de colônia a bairro

A origem de Santa Felicidade, segundo Braido (1978), se deu no final do século XIX, mais precisamente no ano de 1877, quando 15 famílias, de um total de 900 imigrantes, partiram do porto de Gênova, na Itália, com destino ao Brasil. Essas 15 famílias foram as responsáveis e pioneiras para a constituição do bairro.

A região do Vêneto, compreendida pelas províncias de Veneza, Pádua, Rovigo, Verona, Vicenza, Treviso e Belluzo, é de onde vieram os imigrantes. Essa região, segundo Heflinger e Levy (2010), passava, em fins do século XIX, por um processo de escassez de terras e conseqüentemente de alimentos, somada a um grande crescimento populacional, ambas ocasionadas pela Revolução Industrial. Devido a esses fatores, os vênnetos viram-se forçados a buscar terras para sua sobrevivência, visto que o modo de vida da maior parte da

população da região era rural nesse período. O Brasil, portanto, aparece como uma válvula de escape, que, por sua vez, possuía terras em abundância, tornando-se o destino desses imigrantes que encontraram no Brasil a terra que era escassa na Itália.

Para Oliveira (2001), o Brasil possuía interesses pela imigração, podendo ser destacado dois principais. O primeiro visava a constituição de uma mão de obra assalariada, para substituir o trabalho escravo e assim sustentar a oligarquia do café em moldes de relações capitalistas de produção. Já o segundo interesse era colonizar terras então vazias, sendo esse tipo de colonização incentivada pelo governo. Os que vinham através do segundo interesse eram destinados ao sul do Brasil, através de incentivos à agricultura.

Em 11 de dezembro de 1877 partiu de Gênova, Itália, o primeiro navio de imigrantes italianos destinado ao Brasil, mais precisamente ao Porto de Paranaguá, no Paraná no dia 5 de janeiro de 1878. De acordo com Braido (1978), o clima desfavorável e a terra não adequada foram determinantes para a mudança de local dos imigrantes. De início, os italianos tiveram ótima recepção, recebendo do governo paranaense entre 300 e 400 réis por dia e por pessoa adulta. Apesar disso, a adaptação ao novo ambiente litorâneo foi muito complicada, já que os italianos não estavam acostumados aos trópicos - calor sufocante, ar insalubre e diversas doenças foram alguns dos problemas enfrentados pelos imigrantes e que os motivaram a buscar um novo local para viverem. Apoiados no direito concedido de poderem se mudar duas vezes ao chegar ao Brasil, partiram para Curitiba - onde acreditavam haver melhores terras para a agricultura. Enquanto aguardavam propostas do governo de novos locais para se instalarem, alguns colonos decidiram conseguir terrenos por conta própria, a partir da compra, utilizando o dinheiro acumulado que recebiam do governo.

A primeira área foi comprada em bloco por 15 famílias, ao preço de 80 mil réis por alqueire, dividindo-se o terreno em 15 lotes que foram sorteados entre a comunidade, de acordo com Balhana (1958). Essa área corresponde atualmente à entrada da colônia de Santa Felicidade, que teve esse nome escolhido em homenagem à irmã Felicidade, uma das antigas proprietárias do terreno. Ao mesmo tempo, outras famílias compraram terrenos em outra parte da colônia, tendo algumas se sujeitado a viver em cabanas de galho até que conseguissem construir suas casas e outras que viveram durante algum tempo na cidade de Curitiba.

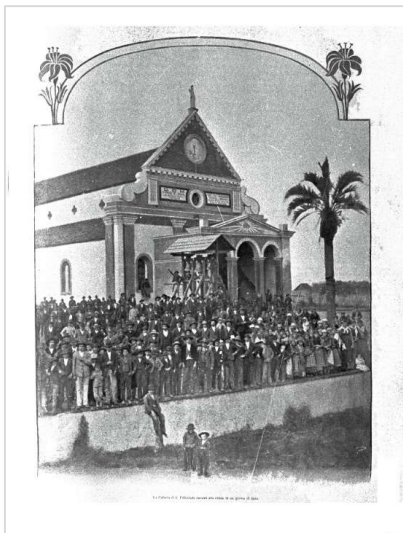
A partir do momento em que chegaram ao Brasil, a identidade cultural desses povos sofreu um choque. Choque este, que forçou os imigrantes a adaptarem suas tradições.

Principalmente na culinária, pois a falta de alguns ingredientes usuais das famílias na Itália, fez com que alguns pratos passassem a usar ingredientes substitutos, com destaque para a polenta e vinho, em conformidade com as condições de plantio no Brasil. Balhana (1958 apud MARANHÃO, 2014, p. 7) destaca:

Segundo a professora Altiva Balhana, setenta anos depois dos primeiros imigrantes chegarem ao Brasil e iniciarem a colonização de Santa Felicidade, o prato principal continuava a ser a polenta. O pão branco raramente era consumido: era encontrado o pão de centeio e a broa caseira. A falta de trigo levou-os ao pouco consumo de pão, macarrão ou outras massas. Com a melhoria das facilidades de transporte e a introdução da cultura do trigo, o pão branco começou a aparecer na mesa do colono. O vinho era consumido diariamente, seguido do leite e café. O café começava a substituir o vinho no café da manhã e durante o dia. A carne era quase que exclusivamente a de porco.

Entre 1879 e 1882, várias outras famílias chegaram à colônia, algumas vindas de Morretes (PR) e outras diretamente da Itália, que compraram os terrenos vizinhos e construíam estradas para aumentar a comunicação entre os colonos. Nesse momento, a colônia contava com 70 famílias. Nesse momento foi então construída a primeira capela - ainda de madeira, para que os imigrantes pudessem praticar sua religião católica. Com o tempo, vários padres italianos também foram viver em Santa Felicidade, assim como novas famílias emigradas, especialmente nos anos de 1887 e 1888. Com o crescimento contínuo da colônia, a população decidiu construir uma nova igreja, dessa vez de alvenaria, para que todos os colonos pudessem participar das missas. Com a liderança do Padre Pietro Colbacchini, a igreja foi construída e teve sua inauguração na missa de Natal de 1891, tendo sido a primeira igreja italiana do Paraná (Imagem 1).

Imagem 1 - Igreja de Santa Felicidade na sua primeira forma, aproximadamente em 1903



Fonte: Fundação Cultural de Curitiba. Diretoria do Patrimônio, Artístico e Cultural. Acervo da Casa da Memória. Do livro “O Brasil e os italianos” (1903)

Nesse sentido, Geremia e Vivian (2004), explicitam outro traço cultural muito forte da comunidade: a religião católica, pois segundo eles o desenvolvimento da colônia de Santa Felicidade se deu não apenas através do trabalho de seus colonos, mas também devido à crença na devoção à religião católica, sendo a prosperidade uma benção em favor do trabalho e da fé.

Santa Felicidade foi elevada a distrito de Curitiba no ano de 1916, pela Lei nº 1618, confirmando assim seu desenvolvimento. Sua consolidação se deu até a década de 1950, com um aumento populacional considerado relativamente baixo devido ao seu modo de produção agrícola, não permitindo assim um maior contingente populacional. No ano de 1950, segundo censo apontado por Braido (1978) em sua obra comemorativa do Centenário de fundação de Santa Felicidade (O Bairro que Chegou num Navio) o distrito possuía cerca de 4 mil habitantes. Nesse sentido, o autor revela que devido a algumas características como por exemplo a produção agrícola, baixa densidade populacional e certo isolamento da cidade de Curitiba (distante cerca de 7 quilômetros), favoreceram a preservação da cultura na comunidade através do isolamento geográfico conservando as manifestações sociais através dos costumes: celebrações católicas, artesanato baseado no vime, produção de vinhos caseiros e culinária baseada na polenta, frango e verduras.

As manifestações religiosas ficaram mais restritas no âmbito da comunidade. Também a educação, a escola e as manifestações culturais em geral guardavam um cunho próprio; conservavam certo isolacionismo que foi se abrindo lentamente de acordo com as circunstâncias internas e externas ao contexto comunitário. (BRAIDO, 1978, p. 43).

As circunstâncias externas as quais Braido (1978) se refere dizem respeito ao crescimento de Curitiba, que se despontava como metrópole regional. Tal crescimento foi ocasionado pela abertura de novas frentes de colonização que saíam da capital rumo ao Norte e Sudoeste do Paraná. Soma-se a isso, a intensa imigração pós Segunda Guerra Mundial, sendo que esses imigrantes buscavam novas terras e oportunidades de emprego, disputando assim esses meios de reprodução com os filhos e netos de imigrantes que chegaram anteriormente, remodelando os costumes das famílias consideradas pioneiras. Neste sentido, a partir da década de 1950, Santa Felicidade inicia sua integração com Curitiba, sofrendo transformações em seu espaço geográfico.

Um fator determinante para essa integração bairro/cidade, Segundo Maranhão (2014) está no asfaltamento e melhoria da Avenida Manoel Ribas que liga a antiga colônia a Curitiba, possibilitando uma maior fluidez de pessoas, serviços e mercadorias. Entre essas mercadorias a autora destaca as produções de vinho, feitas nos porões das casas e do artesanato do vime, que eram destinados ao consumo local, e agora, nesse novo contexto de circulação de mercadorias, são vendidos para a cidade de Curitiba. Assim surgem os primeiros estabelecimentos comerciais desses produtos no bairro. Há, nessa época, o início tímido dos restaurantes. Eles tiveram seu surgimento como pequenos estabelecimentos improvisados nas casas dos colonos. A ideia, porém, como destaca Maranhão (2014) foi de Dona Júlia Toaldo, que servia durante a saída das missas de domingo, na década de 1940, um prato único em sua casa. Por conseguinte, em 1949, surgiram os restaurantes Iguazu e Cascatinha, destinados aos caminhoneiros que faziam a rota entre o norte do Paraná e o Porto de Paranaguá, através da Estrada do Cerne.

Nesse contexto, os aspectos culturais também são redefinidos e sofrem novos processos de assimilação e (re)construção, tentando integrar os novos moradores a antigos costumes e esses, por sua vez, remodelando-os em um processo dialético, conforme destaca Braido (1978, p. 45):

O pacato distrito se modifica e embora guardando sua própria identidade e tradições básicas, cria um novo tipo de serviço, redistribui o uso da terra com vistas a produzir

para o mercado em expansão, aprimora o artesanato, as uvas e frutas, o vinho e a cozinha italiana. Com isto libera mão-de-obra para atender a estas novas exigências e para trabalhar na cidade próxima. Surgem novos estabelecimentos, entre os quais se destacam os já famosos restaurantes. A população aumenta: em 1960, registram-se 6.839 habitantes e, em 1970: 16.753. Ao mesmo tempo diversifica-se em sua composição. Ao lado do primitivo núcleo italiano, aparecem novos moradores trazidos pela onda imigratória. O processo de integração e de assimilação se acelera, e pode-se afirmar, se completa e até se inverte: agora a problemática mais aguda está em integrar os novos migrantes ao estilo de vida próprio da ex-colônia, distrito e já bairro da cidade grande que se aproxima.

Em 1965, com a inauguração da Rodovia do Café, Santa Felicidade deixou de ser rota dos caminhoneiros. Contudo, ao mesmo tempo asfaltou-se a antiga estrada, transformando-a na Avenida Manoel Ribas, o que deu maior acessibilidade ao bairro pelos curitibanos, que passaram a visitar Santa Felicidade em maior número.

A partir da década de 1960, vários outros restaurantes surgiram em Santa Felicidade, todos a partir das famílias de imigrantes, como o Veneza e o San Remo. Nesse período o bairro passa a ganhar um grande apelo turístico de ordem gastronômica que se faz presente até a atualidade. Maranhão (2014) ainda destaca que a maior parte dos restaurantes do bairro está em posse de três famílias: Trevisan, Lorenzetti e Madalosso. O restaurante Madalosso, originado a partir da família Madalosso, advinda da colônia italiana de Caxias do Sul (RS) e que chegou à Santa Felicidade apenas em 1949, constitui-se como o principal estabelecimento gastronômico do bairro.

Braido (1978) faz considerações a respeito das mudanças observadas no final da década de 1970 a partir da reprodução do bairro de Santa Felicidade e suas implicações territoriais para a identidade territorial/local de seus moradores:

Com isso, Santa Felicidade tem novos desafios pela frente. Bairro típico de Curitiba, por sua origem, criatividade e pujança econômica, inicia agora o segundo centenário de sua história com a tarefa de reencontrar a própria identidade frente a sofisticação e complexidade provindas das transformações das últimas décadas. Com certeza, Santa Felicidade nunca mais será a mesma. Não poderá reencontrar a identidade como base na etnia. (...). Se é certo que Santa Felicidade não poderá reviver o passado, isso não exclui que possa e deva retirar do passado lições que lhe conferiram a grandeza e a condição que ostentou e ainda ostenta atualmente. Ao iniciar, o segundo centenário, como um bairro de Curitiba, um bairro que tem história, estilo, colorido e sabor próprio, augura-se que sua população encontre o caminho para reviver e perpetuar o que sua tradição já secular tem de melhor e mais autêntico. (BRAIDO, 1978, p. 45).

É a partir desses questionamentos feitos pelo Padre Jacir Francisco Braido no ano do centenário da colônia, 1978, que o presente artigo pretende responder em seu último

momento de análise, voltando-se para a produção e reprodução do e no espaço de Santa Felicidade, a partir de análises críticas a respeito da compreensão desse processo e como ele se configura na atualidade.

3.2 A (re)produção do espaço de Santa Felicidade pelo turismo: implicações para a geografia cultural e identidade local

Vimos até o momento a análise do processo inicial de estabelecimento dessa população no Brasil e especificamente na região onde o bairro está localizado atualmente, como também os costumes criados pelos imigrantes para reproduzir na colônia parte de sua cultura italiana, mantendo assim sua identidade. Faz-se menção também para a transformação do bairro, os estabelecimentos comerciais, com destaque para os restaurantes, assumindo com o tempo sua forma atual voltada ao turismo gastronômico, que será demonstrado a seguir.

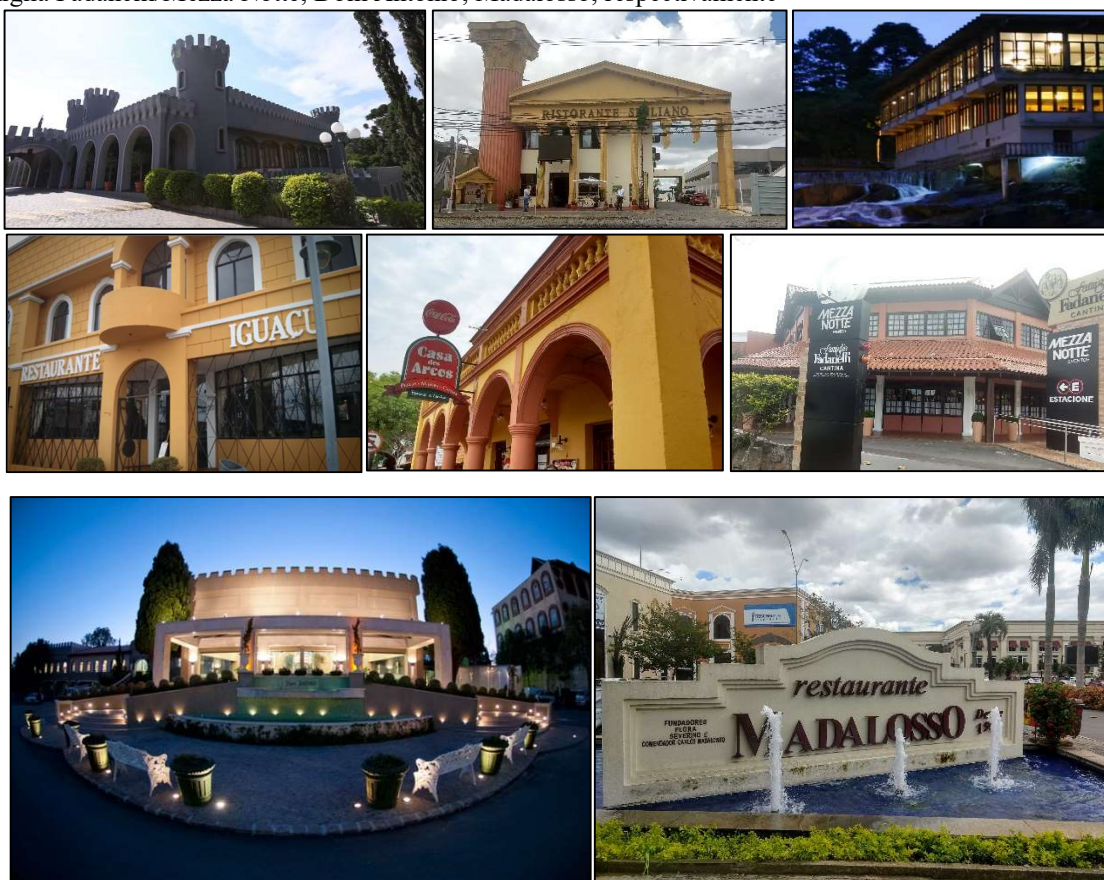
O espaço do bairro de Santa Felicidade, em um primeiro momento de análise, apresenta a aparência atual de um bairro comum, sem grandes ligações a colonização, com a presença de condomínios de alto padrão e grandes lojas. Em um segundo momento observa-se a recorrência dos restaurantes, em sua maioria de gastronomia italiana, porém, estão presentes restaurantes de comida francesa, japonesa, chinesa, e, até mesmo, redes *defast-foods*.

Segundo Caldart e Bahl (2009) cerca de 100 mil pessoas visitam o bairro mensalmente, com destaque para os restaurantes e vinícolas. Esse público é diverso, pois possui tanto moradores de Curitiba que costumam frequentar o bairro aos finais de semana, como turistas provindos de outras regiões do Paraná e do Brasil, presentes principalmente nos feriados e período de férias. Ainda segundo esses autores, Santa Felicidade se configura como um dos principais roteiros turísticos de Curitiba e do estado do Paraná.

Os restaurantes presentes no bairro ligados a cultura italiana hoje são cerca de 30. Nota-se uma preocupação com sua imponência e arquitetura, comumente apresentando fachadas grandes e bem trabalhadas. A maior recorrência é de referência a castelos (Restaurante Castello Trevizzo), templos romanos (Ristorante Siciliano), cascatas naturais e artificiais (Restaurante Cascatinha). Os únicos que ainda preservam a arquitetura inicial são os Restaurantes Iguaçu e o Casa dos Arcos.

No entanto, há outros restaurantes com fachadas modernas como por exemplo: Família Fadanelli/MezzaNoite e Dom Antonio. Muitos desses estão divididos em diversos salões que são alugados para eventos em geral. O exemplo máximo do turismo gastronômico do bairro é o Restaurante Madalosso, considerado o maior restaurante da América Latina, com mais de 4.500 lugares, é o símbolo da atração gastronômica que a região possui. As fachadas dos restaurantes mencionados encontram-se na Foto 1.

Foto 1 - Restaurantes em Santa Felicidade: Castello Trevizzo; Siciliano, Cascatinha; Iguazu; Casa dos Arcos; Família Fadanelli/Mezza Noite; Dom Antonio; Madalosso, respectivamente



Fonte: Os Autores (2020)

O grande apelo turístico está exposto nas fachadas dos restaurantes, que tentam emular estabelecimentos típicos da Itália, como o restaurante Castello Trevizzo, da família Trevisan, que se baseia no portal de entrada da cidade de Treviso, ou por exemplo o Siciliano que procura atrair turistas pela sua arquitetura baseada na imitação de templos romanos. Essa transformação arquitetônica dos restaurantes recebe críticas ouvidas durante relatos da pesquisa de alguns moradores mais antigos, que alegam nesses processos haver uma

descaracterização do bairro. Alguns moradores destacam que a maior parte das famílias descendentes da imigração em Santa Felicidade não costumam frequentar os restaurantes típicos que apresentam cardápios baseados na culinária feita por imigrantes no final do século XIX e início do século XX: polenta, frango e massas. A exceção está em eventos festivos, onde às vezes a população local realiza festas de casamento, bodas de ouro, formaturas e batizados nos restaurantes de forma independente. Nota-se que, a alimentação, ao ser reproduzida no Brasil com alguns elementos diferentes e adaptados, torna-se cardápio de luxo a partir da reprodução da cultura dos imigrantes italianos pelo turismo.

Na Avenida Manoel Ribas, principal avenida comercial do bairro onde se encontram os restaurantes, também se encontram vários estabelecimentos comerciais que produzem o artesanato do Vime (Foto 2). Alguns desses pertencem a família de descendentes da imigração, como por exemplo a “Tulio & Ferro Artesanatos”. Tem-se também a presença de vinícolas tradicionais, como por exemplo, “Vinhos Santa Felicidade”, a “Adega Caliari” e “Vinhos Durigan”. Este último local sofreu um processo de reestruturação arquitetônica. Desta forma atrai um fluxo muito grande de turistas e, raramente a presença de moradores de Santa Felicidade e dos demais bairros de Curitiba. O “Vinhos Durigan”(Foto 2), maior estabelecimento de vinhos do bairro, recebe diariamente um grande público e oferece grande variedade de produtos. Um fato importante é que as uvas para fabricação destes produtos são, em sua grande maioria, trazidas do estado do Rio Grande do Sul, em decorrência da condição mais favorável dessas regiões para o cultivo.

A Igreja Matriz de São José, construída em 1891, guarda em sua arquitetura muito da identidade italiana da região de origem dos imigrantes. Um dos elementos que deflagram essa afirmação, é a torre do sino, construída isolada do prédio principal, tradição esta trazida da Itália (Foto 2). A mesma se encontra no centro geográfico do bairro e em um dos seus pontos mais altos, caracterizando assim, a partir da geografia, a importância da religião católica na produção do espaço do bairro.

Com relação as casas construídas no início da ocupação do bairro, somente algumas mantêm suas características originais baseadas nas residências da região do Vêneto. Outras foram reformadas durante o processo histórico, perdendo suas características originais. Além dos dois restaurantes já mencionados (Casa dos Arcos e Iguaçu), as construções que mantiveram suas características originais não exercem mais a função habitacional.

A “Casa das Pinturas” (Foto 2), construída nos primórdios do bairro, no ano de 1878, hoje é sede da Associação Comercial e Industrial de Santa Felicidade. Nesse local encontra-se um pequeno acervo documental sobre o bairro, uma vez que o mesmo não possui museu. Destaca-se assim o que configura um importante desfalque no espaço do bairro para a manutenção da cultura e identidade local. Em relação a esse assunto é importante mencionar a “Casa Culpí” (Foto 2), outro importante marco arquitetônico do bairro. Sua construção data de 1897 e chegou a abrigar na década de 1990 o “Memorial da Imigração Italiana de Santa Felicidade”. No entanto, devido a conflitos familiares e a dificuldades financeiras o prédio foi apropriado pela prefeitura de Curitiba e transformado no Centro de Referência e Assistência Social (CRAS) do bairro.

A “Casa dos Gerânios” (Foto2), propriedade da família Boscardin, pioneira da imigração em Santa Felicidade está em processo de restauração. Segundo Paulo Pereira, entrevistado, dono do imóvel e presidente da Associação Comercial e Industrial de Santa Felicidade (ACISF), em torno de quinze imóveis, foram colocados como, Unidades de Interesse de Preservação (UIPs). A prefeitura de Curitiba através do Decreto nº 543 de 11 de junho de 2014, impôs regras e estabeleceu normas de preservação, fazendo o tombamento dessas casas, porém, sem liberação de recursos para os proprietários.

Foto 2 - Produtos em Vime; Vinícola Durigam; Igreja Matriz de São José; Casa das Pinturas – ACISF; Casa Culpí – CRAS, Casa dos Gerânios



Fonte: Os Autores (2020)

Em relação às práticas socioculturais encontradas no bairro e que fomentam a cultura e a identidade sócio territorial destacam-se: o programa de rádio semanal em italiano, o grupo folclórico, as festas típicas. O programa de rádio semanal “Rivivere L’Itália” transmitido pela Rádio Colombo aos domingos pela manhã dando notícias em italiano, era realizado por Cezar Culpi e seu pai, Pedrinho Culpi, descendentes da família Culpi, pioneira do bairro, porém teve seu fim em 2018. Na Associação Comercial e Industrial do bairro correram projetos como por exemplo o “encontro dos nonos”, para contar as histórias que foram passadas entre as gerações. A senhora Ilda Serenato, participou de um projeto chamado “Hora do Conto” nesse local, contando essas histórias para as crianças da rede municipal, como forma de manter viva a história do bairro. Há também a presença de vários grupos artísticos como o grupo folclórico Ítalo Brasileiro de Santa Felicidade que faz apresentações com danças típicas das regiões italianas, em especial do Vêneto. O coral também é uma prática social que tenta manter viva a cultura do bairro fazendo apresentações em italiano, especialmente em cerimônias religiosas e nas festas típicas.

As festas típicas do bairro ganham destaque nas práticas sociais como forma de preservação da cultura. Dentre elas destacam-se a “Festa da Uva” que ocorre no mês de fevereiro e a “Festa do Vinho, Frango e Polenta” que acontece no mês de julho, ambas no Bosque São Cristóvão, organizado pela Paróquia do bairro com a ajuda de moradores descendentes das famílias pioneiras. Nessas festas há a presença dos produtos de comércio produzidos no bairro com destaque para as vinícolas “Adega Caliarí”, “Vinhos Santa Felicidade” e “Vinhos Durigan”. A grande maior parte do público que frequenta essa festa são de moradores locais que possuem identificação com o bairro e de algumas famílias providas de outros bairros de Curitiba. Os turistas não participam dessa festa, seja por falta de informação ou identificação. Já os restaurantes mencionados não possuem vínculo com essas festas típicas, estando totalmente descolados dessas práticas sociais e culturais da comunidade.

4 Considerações finais

Podemos destacar, com base na análise realizada, que Santa Felicidade é um bairro de Curitiba que carregou e ainda carrega as metamorfoses espaciais implicadas pela

cultura, fruto de um processo histórico e que, no atual período, tem como principal agente produtor de seu espaço o turismo gastronômico. Esse turismo encontra certa resistência por parte da comunidade do bairro, principalmente em relação aos moradores mais antigos ligados às famílias pioneiras da imigração, destacando seu descolamento socioespacial em relação as manifestações culturais.

O bairro, embora, possua estas formas de resistência, apresenta uma paisagem cultural para aquilo ao qual o turismo criou demanda, que é a gastronomia, na qual o mesmo é reconhecido externamente pela comida típica italiana, apresentando restaurantes com arquiteturas arrojadas e que submetem o turista a um mundo de “espetáculo”, mostrando que a paisagem, além de possuir uma simbologia, possui uma face funcional ao capital, como bem nos lembra Carlos (1999) a respeito da (re)produção do espaço pelo turismo para atender aos interesses de valorização capitalista. Ressaltamos, contudo, que o bairro ainda mantém alguns pontos materiais resultantes da cultura italiana e da história, que se encontram de maneira dispersa.

Apesar de sofrer forte tensão e alteração na paisagem, o bairro encontra formas de resistência, criadas pela própria identidade dos moradores mais antigos, pois, as identidades sociais, carregadas de valor e de poder socioculturais, tornam-se “focos de resistência”, buscando nos “espaços de memória”, manter a tradição e cultura italiana material e imaterial no bairro. Como ocorre com as casas que restaram, mantendo a arquitetura e a memória daquele povo, as festas típicas, da uva, da polenta, além de algumas outras tradições que não se resumem apenas na comida italiana, como por exemplo, o coral e o grupo folclórico.

Assim, o bairro de Santa Felicidade é produto de um embate histórico-cultural, desde a fundação até se tornar um bairro turístico de Curitiba. Ao longo desse processo criou-se novas formas de relações socioespaciais, que foram se alterando gradativamente pelo turismo com implicações nas formas espaciais, mas que ainda resistem através de ações de uma comunidade que busca afirmar suas funções e sua singularidade, o seu caráter particular advindo da cultura da imigração italiana.

O artigo, nesse sentido, traz contribuições importantes tanto para a implementação de políticas públicas que visem a preservação cultural e um modelo de turismo que auxilie nesse processo. São trazidas também contribuições para o campo da geografia cultural e sua

relação com o turismo no processo dialético de (re)produção do espaço e na busca de uma construção da identidade territorial.

Referências

ALMEIDA, M. G. As ambiguidades do serex-migrante. O retorno e o viver entre territórios. *In: ALMEIDA, M. G. (org.). Territorialidades na América Latina*. Goiânia: AGRAF, 2009.

ALMEIDA, M. G. O sonho da conquista do velho mundo: a experiência de imigrantes brasileiros do viver entre territórios. *In: TERRITÓRIO e Cultura: inclusão e exclusão nas dinâmicas socioespaciais*. Goiânia, BR: UFG/FUNAPE; Manizales, CO: Universidad de Caldas, 2009.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE SANTA FELICIDADE. [O bairro Santa Felicidade]. Curitiba: ACISF, 2015.

BALHANA, A. P. **Santa Felicidade**: um processo de assimilação. Curitiba: João Haupt, 1958.

BRAIDO, J. F. **O bairro que chegou num navio**: Santa Felicidade, centenário. Curitiba: Ed.Lítero-Técnica, 1978.

CALDART, M.; BAHL, M. Bairro de Santa Felicidade – Curitiba, a influência do turismo na transformação do espaço urbano local. **Revista Geografar**, Curitiba, 2009.

CARLOS, A. F. A. **A (re) produção do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 2008.

CARLOS, A. F. A. A prática espacial urbana como segregação e o direito a cidade como horizonte utópico. *In: PINTAUDI, S. M; VASCONCELOS, P. A. (org.). A cidade contemporânea: segregação socioespacial*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 95-110.

CARLOS, A.F.A. O turismo e a produção do não-lugar. *In: YÁZIGI, E. CARLOS, A.F.A. CRUZ, R.C.A. (org.). Turismo: espaço, paisagem e cultura*. São Paulo: Hucitec, 1999.

CARVALHO, P.F. Patrimônio Cultural e Artístico das cidades paulistas: a construção do lugar. *In: YÁZIGI, E. CARLOS, A.F.A. CRUZ, R.C.A. (org.). Turismo: espaço, paisagem e cultura*. São Paulo: Hucitec, 1999.

CORRÊA, R. L. A dimensão cultural do espaço. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, ano 1, out. 1995. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3479/2409>. Acesso em: 11 dez. 2015.

CORRÊA, R. L. **O urbano e a cultura**: alguns estudos: cultura, espaço e o urbano. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2006.

COSGROVE, D. E. Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria. “Towards a radical cultural geography of theory”. **Antípode – a Radical Journal of Geography**, Worcester, v. 15, n. 1, p. 1-11, 1983. Disponível em: www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/espacoecultura/article/viewfile/6313/4506. Acesso em: 11 jun. 2020.

CURITIBA SITE OFICIAL. **Santa Felicidade**. Disponível em: <http://www.curitiba-parana.net/santa-felicidade.htm>. Acesso em: 15 jan. 2020.

CURITIBA. **Decreto Municipal nº 543 de 11 de junho de 2014**. Curitiba, 2014.

CURITIBA. **Lei Municipal nº 1618 de 1916**. Curitiba, 1916.

DAMIANI, A.L. Turismo e lazer em espaços urbanos. *In*: RODRIGUES, A.B. (org.). **Turismo, modernidade, globalização**. São Paulo: Hucitec, 1997.

DEMO, P. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1981.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA. Diretoria do Patrimônio, Artístico e Cultural. **O Brasil e os italianos**. Curitiba: FCC, 1903. Acervo da Casa da Memória.

GEREMIA, M.; VIVIAN, E. **Santa Felicidade – Curitiba**: o início de uma bela história; João Batista Scalabrini: pensando grande. São Paulo: Loyola, 2004.

HEFLINGER JUNIOR, J. E. LEVY, P. M. E os Italianos chegaram. Limeira: Unigráfica, 2010.

IBGE. **Censo demográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

IPPUC. [**Santa Felicidade**]. Curitiba: IPPUC, 2010.

KOSÍK, K. **Dialética do Concreto**. 2. Ed. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1976.

LEFÈBVRE, R. B. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2004.

MARANHÃO, M. F. C. **Santa Felicidade, o bairro italiano de Curitiba**: um estudo sobre restaurantes, rituais, e (re)construção de identidade étnica. Curitiba: SAMP, 2014.

MARTINS, L. M.; LAVOURA, T. N. Materialismo histórico-dialético: contributos para a investigação em educação. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 71, p. 223-239, set./out. 2018.

MENESES, U.T.B. Os “usos culturais” da cultura: contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. *In*: YÁZIGI, E.; CARLOS, A.F.A.; CRUZ, R.C.A. (org.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1999.

MORAES, A. C. R. **Ideologias geográficas: espaço, cultura e políticas no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1988.

MORAES, A. C. R.; COSTA, W. M. **Geografia crítica: A valorização do espaço**. São Paulo: Hucitec. 1984.

NETTO, J. P. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

OLIVEIRA, L. L. **O Brasil dos Imigrantes**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 2001.

OLIVEIRA, S. A. M. **Elementos do Materialismo Histórico e Dialético**. Jundiaí: Paco, 2019.

RODRIGUES, A. M. A Produção e o Consumo do Espaço para o Turismo e a Problemática Ambiental. *In*: YÁZIGI, E; CARLOS, A. F. A; CRUZ, R. C. A. (org.) **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 25-38.

SILVEIRA, M.L. Da fetichização dos lugares à produção local do turismo. *In*: RODRIGUES, A.B. (org.). **Turismo, modernidade, globalização**. São Paulo: Hucitec, 1997.